

com os músculos da mastigação possui características específicas e fornece informações sobre o hábito alimentar e o comportamento individual de cada espécie. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, protocolo nº 039/11. A fixação dos animais foi realizada com solução aquosa de formaldeído a 10%, mediante injeções subcutânea, intravenosa, intramuscular e intracavitária, seguindo-se à imersão dos espécimes em recipientes contendo a mesma solução, por um período mínimo de 48 horas. A atm e os músculos da mastigação foram dissecados e descritos morfológicamente, com base na International Committee On Veterinary Gross Anatomical Nomenclature (2012). O tamanduá-bandeira apresenta uma morfologia plana da atm e quatro músculos da mastigação: temporal, masseter, pterigóideo medial e pterigóideo lateral. Esses músculos possuem inserção em diferentes pontos da mandíbula e, de acordo com a forma da sua atm, não realizam movimentos mandibulares amplos, adaptados à condição de edentado total desse espécime. Os músculos temporal e masseter estão envolvidos nos movimentos de deslizamento da mandíbula; o pterigóideo medial aproxima medial e dorsalmente a mandíbula em direção à maxila e o pterigóideo lateral aproxima as extremidades da articulação temporomandibular entre si. Em conclusão, os músculos da mastigação do tamanduá-bandeira seguem a morfologia geral dos mamíferos e atuam na estabilização da mandíbula e nos movimentos de deslizamento mandibular durante seu processo alimentar, com discreta abertura e fechamento de boca.

Palavras-chave: Xenartra, músculos, articulações.

ANIMAIS SILVESTRES

P-063

ANESTESIA EPIDURAL E AMPUTAÇÃO DE PÊNIS PROLAPSADO EM JABUTI-PIRANGA (*Geocheilone carbonaria*): RELATO DE CASO

Lucas Santana da Fonseca¹; Elton Luís Ritir Oliveira²; Janyele Silva Leite²; Pierre Barnabé Escodro³; Fernanda Timbó D'el Rey Dantas⁴; Domingos Cachineiro Rodrigues Dias⁵

¹ Graduando em Medicina Veterinária (UFAL) e Bolsista PIBIC/CNPQ. ² Graduando em Medicina Veterinária (UFAL). ³ Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária (UFAL). ⁴ Graduanda em Medicina Veterinária (UFBA). ⁵ Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária (UBA).

O Jabuti-piranga (*Geocheilone carbonaria*) é o quelônio mais mantido em cativeiro, tratado como animal de estimação, devido a fatores culturais e ao amplo comércio ilegal. O prolapso peniano é um dos principais problemas que acometem esses animais nessas condições, devido aos acidentes no momento do acasalamento, como movimentação repentina dos animais, estiramento do órgão e traumas em pisos abrasivos. Nesses casos, a única alternativa é a amputação peniana. Este trabalho relata o caso de um jabuti-piranga (*Geocheilone carbonaria*) encontrado pelo proprietário com o pênis exposto e levado para atendimento na Universidade Federal de Alagoas. Segundo o proprietário, o animal estava prostrado e anoréxico, pois não se alimentava há quatro dias. Ao exame físico, o animal apresentava prolapso peniano, com inflamação, escoriações e falta de retração peniana, além de alteração de cor e odor fétido. Após antisepsia local com iodopirrolidona, o paciente foi submetido à indução anestésica com ketamina (30 mg/kg) e Diazepam (1 mg/kg) via intramuscular e lidocaína (0,3 ml a 2%) epidural intercoccígea (Cc1-Cc2) com agulha 25x07. Com o paciente anestesiado, em decúbito dorsal, promoveu-se a antisepsia da região pericloacal. O miorelaxamento peniano foi satisfatório, promovendo exposição completa e posicionamento do órgão sobre o plastrão. Os corpos cavernosos foram transfixados individualmente

com Fio Poliglecaprone 25 nº 0. A amputação foi realizada 1,5 cm proximal ao tecido desvitalizado, assegurando-se de que este fora totalmente removido. A sutura do coto peniano foi realizada em padrão único contínuo Shimidden, também com fio de poliglecaprone. No pós-operatório, o animal recebeu enrofloxacina (10 mg/kg/IM/SID/5 dias), sendo submetido a hidratação oral com soro glicosado 5% (10 mL/kg/hora) até retorno de alimentação após 48 horas e uso de suplemento vitamínico nos 10 primeiros dias de pós-operatório (Glicopan Pet- 5 gotas ao dia). Conclui-se que a anestesia epidural potencializou a analgesia no paciente e o miorelaxamento peniano, sendo de fácil execução e alta segurança. Além disso, o uso de sutura com fio poliglecaprone e padrão Shimidden possibilitou menor tempo cirúrgico e não houve a necessidade de retirada de pontos, diminuindo o estresse do animal.

Palavras-chave: Quelônio, bloqueio anestésico intercoccígea, penectomia.

ANIMAIS SILVESTRES

P-064

ANESTESIA PERIDURAL COM LIDOCAÍNA E MORFINA EM CUTIA (*DASYPROCTA AGUTI*): RELATO DE CASO

Vanessa Bastos de Castro¹; Débora Passos Hinojosa Schaffer²; Francisco de Assis Dórea Neto³; Élen Almeida Pedreira de Sousa⁴; Vanessa Silva Santana⁴

¹ Professor Adjunto de Anestesiologia, Farmacologia e Toxicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). ² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal nos Trópicos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: debi_schaffer@yahoo.com.br. ³ Professor das Disciplinas de Patologia e Clínica Cirúrgica e Técnica Cirúrgica da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME). ⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária (UFRB).

A anestesia peridural em animais silvestres, assim como em pequenos animais, destaca-se pela redução do requerimento de anestésicos gerais e, consequentemente, por menos efeitos adversos. Entre os anestésicos locais, a lidocaína é utilizada em variadas técnicas loco-regionais, em espécies diversas. O uso de analgésicos opióides, como a morfina associada à técnica espinhal, proporciona analgesia satisfatória e prolongada. A literatura relata bradicardia, bradipnéia e óbito em cutias ao associar lidocaína e morfina por via epidural. Objetivou-se relatar a utilização da lidocaína associada à morfina, por via peridural, em uma cutia adulta, de peso 2,4 kg, para osteossíntese de fêmur. Administrou-se cetamina (20mg/kg), xilazina (1mg/kg) e midazolam (0,3mg/kg) por via intramuscular. O tempo de latência foi de aproximadamente quatro minutos. Após atingir decúbito lateral, posicionou-se a paciente em postura de esfinge, para palpação e localização do espaço lombossacro (L7-S1). Realizou-se a antisepsia e o espaço peridural foi acessado com agulha hipodérmica 25x0,7mm (22G). Após aspiração da gota pendente, foram administrados fármacos (lidocaína 2% com vasoconstritor e morfina, nas doses 5mg/kg e 0,1mg/kg, respectivamente). Administrou-se NaCl 0,9% (10ml/kg/h) por via intravenosa e meloxicam (0,1mg/kg) e enrofloxacina (10mg/kg) por via subcutânea. Para manutenção anestésica, utilizou-se isoflurano diluído em O₂ 100% em máscara facial. Os parâmetros frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (FR) e saturação periférica de oxigênio (SpO₂) foram avaliados a cada cinco minutos com monitor multiparamétrico. As frequências cardíaca e respiratória foram mantidas entre 181 ± 10,84 bpm e 40,2 ± 1,14 mpm. A paciente recuperou-se de forma satisfatória, sem apresentar sinais de excitação e dor. Não foram observadas complicações decorrentes da técnica peridural, como depressão respiratória, bradicardia e óbito. A SpO₂ manteve-se entre 94,25 ± 1,67, com o sensor do oxímetro fixado à cartilagem auricular.

O relaxamento muscular foi considerado excelente e a técnica proporcionou analgesia satisfatória, de forma segura para tratar a dor de longa duração.

Palavras-chave: anestesia local, roedores, dor.

ANIMAIS SILVESTRES

P-065

ASPECTOS MORFOLÓGICOS E NÚMERO DE DENTES DA ARIRANHA (*PTERONURA BRASILIENSIS*)

Tamara Boaventura de Amorim¹; Adrielle Torres Mundim¹; Vanessa Sobue Franco²; Valcinir Aloisio Scalla Vulcani³; Adriana Gradel⁴; Amanda Karoline Rodrigues Nunes⁵; Andrezza Cavalcanti de Andrade⁵

¹ Discente da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Campus Cuiabá. ² Docente da UFMT. ³ Docente da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Jataí. ⁴ Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). ⁵ Discente do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: agradela@hotmail.com.

São descritos o número e o aspecto morfológico dos dentes da ariranha, os quais também foram comparados aos de outras espécies. Uma fêmea adulta do Laboratório de Anatomia Comparada da UFMT teve o crânio e mandíbula macerados, clarificados em água adicionada com água oxigenada a 20 volumes (24 horas) e limpos com o auxílio de pinças anatômicas e tesouras cirúrgicas. Em seguida, foram lavados em água corrente, secos ao sol e analisados. Na arcada maxilar havia três dentes incisivos por antímero, semelhante aos caninos, suínos e equinos; número de pré-molares e molares inferior ao dos animais domésticos e, na arcada mandibular, os incisivos eram em menor número que o dos animais domésticos. Havia menos pré-molares que em carnívoros, suínos, ovinos e caprinos, porém em número similar ao de bovinos e equinos, e todos de tamanho semelhante. Os molares eram em menor número que o de carnívoros, ovinos, bovinos, suínos e equinos. A morfologia dos dentes da ariranha relaciona-se aos hábitos alimentares, como na preguiça-de-coleira e em carnívoros, por isso os incisivos possuem mesa dentária em crista para favorecer a apreensão de alimentos; o terceiro incisivo é bastante desenvolvido, como em carnívoros domésticos, e os caninos bastante pontiagudos para rasgar o alimento. Dentes pré-molares e molares apresentam semelhança macroscópica entre si, como no mocó (ambos com função de amassar e triturar os alimentos) e carnívoros. A mesa dentária dos molares possui duas cúspides arredondadas, separadas por uma crista pontiaguda. O maior dente é o primeiro molar. Conclui-se que a ariranha tem o mesmo padrão de distribuição dentária dos animais domésticos, cuja fórmula dentária é $2(I_3^1 - C_1^1 - P_3^2 - M_2^2) = 32$, a morfologia dentária é igual à de carnívoros domésticos e o primeiro molar é o maior dente.

Palavras-chave: anatomia, animal silvestre, odontologia.

ANIMAIS SILVESTRES

P-066

AVALIAÇÃO CARDIORRESPIRATÓRIA DE CUTIAS (*DASYPROCTA AGUTI*) ANESTESIADAS COM HALOTANO SOB REGIME DE RESPIRAÇÃO ESPONTÂNEA E CONTROLADA

Bruno Leandro Maranhão Diniz¹; Deygnon Cavalcanti Clementino¹; Wagner Martins Fontes do Rêgo¹; Rozeverter Moreno Fernandes¹; Fernanda Tércia Silva Cardoso¹; Francisco Solano Feitosa Junior¹; Danilo Rodrigues Barros Brito¹; José de Ribamar da Silva Júnior¹; Willams Costa Neves¹; Maria do Carmo de Souza Batista¹; Janaina de Fátima Saraiva Cardoso¹; Ney Rômulo de Oliveira Paula¹

¹ Universidade Federal do Piauí, Piauí, Brasil.

Foi avaliada a resposta cardiorrespiratória do halotano em 12 cutias (*Dasyprocta prymnolopha*) anestesiadas sob respiração espontânea ou controlada, seis machos e seis fêmeas. Foram avaliados temperatura retal (TR), frequência respiratória (FR), frequência cardíaca (FC) e a saturação de oxigênio (SpO₂). Os animais foram divididos em dois grupos, de acordo com o regime de ventilação utilizado. GI foi mantido em regime de ventilação espontânea (VE) e GII em regime de ventilação controlada (VC) com frequência ventilatória de 32 resp/min, com aparelho ciclando a volume de 10 ml/kg de peso vivo, sendo os animais mantidos em planos cirúrgicos. Todos os animais receberam a associação de quetamina (20 mg/kg) e midazolam (0,5 mg/kg) na mesma seringa (IM). Os animais foram induzidos com halotano e inserida a Máscara Laríngea nº1 para manutenção também com halotano e oxigênio a 100%, por 60 min. Os resultados foram submetidos à análise de variância, seguidos pelo teste Student-Newman-Keuls (SNK), com nível de significância de 5% (p < 0,05). Os parâmetros FC, FR e SpO₂ não apresentaram diferença estatística, sendo mantidas as médias de FC durante todo o procedimento. A FR nos dois grupos sofreu acentuado declínio após aplicação da associação quetamina/midazolam (Mo e M1). A SpO₂ manteve-se constante, não sendo inferior a 95%. Os dois regimes de ventilação avaliados mostraram-se satisfatórios para o uso do protocolo anestésico, mantendo estabilidade cardiorrespiratória em cutias (*Dasyprocta prymnolopha*), podendo ser usado com segurança nessa espécie.

Palavras-chave: cutia, quetamina, midazolam, halotano.

ANIMAIS SILVESTRES

P-067

AVALIAÇÃO CLÍNICA DE PEQUENOS MAMÍFEROS DE VIDA LIVRE DA MATA ATLÂNTICA

Índira Trüeb; Ianei de Oliveira Carneiro; Gabriela Nery; Maria Carolina de Souza; Stella Maria Barrouin Melo

Foi realizada avaliação clínica de pequenos mamíferos capturados em remanescentes de mata atlântica da cidade de Salvador e região adjacente, em correlação com a qualidade ambiental. Foram examinados 66 mamíferos de nove espécies diferentes, capturadas com armadilhas tipo Tomahawk e Sherman iscadas com banana, bacon e abacaxi, nas áreas do Parque Metropolitano de Pituçu, Condomínio Alphaville, 19º Batalhão de Caçadores do Exército e Batalhão de Choque da Polícia Militar (Lauro de Freitas). As armadilhas foram checadas ao longo de uma semana, diariamente pela manhã, evitando-se que os animais permanecessem presos por mais de 12 horas. 23% (15/66) dos animais apresentavam alterações cutâneas, 10% (6/66) desidratação leve a moderada, 8% (5/66) estavam magros e 6% (4/66) estavam com as mucosas hipocoradas no momento da avaliação. Em 25% (17/66) dos animais capturados, foram